

REFLEXÕES INCOLORES DE UM TRICOLOR

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Sou Fluminense de coração desde que me entendo por torcedor. Assim como meu pai, sempre tive uma relação amorosa com o time das Laranjeiras. Fui sócio do clube numa idade que via nas três cores a combinação de uma bela magia. Assistia os ídolos do futebol no frenético entre e sai, nos treinos chuvosos e ensolarados ou em algum recanto qualquer de Álvaro Chaves. Com alguns conseguia alguma trela, autógrafos ou qualquer coisa no gênero daquelas que agrada uma criança. Do goleiro Castilho das fartas sobranceiras até o tricampeão Félix, do meia Altair até Rivelino. Adolescente, na companhia de meu saudoso pai, fui inúmeras vezes ao Maracanã, que para meu orgulho foi obra dele. Maracanã e Maracanãzinho que estão marcados pelo desenho do arquiteto tricolor que tanto amei. Vibrávamos juntos na nossa casa estádio com os jogos iluminados do domingo ou das noites cariocas acesas pelos refletores. Era o bom futebol. Os fla-flus que os próprios flamenguistas até hoje cantam “*é o aí Jesus!*”, as diabruras do Garrincha que encantavam tanto que acabávamos torcendo pelo Mané mesmo jogando contra o nosso próprio clube. Verdadeira estrela solitária de pernas tortas. As mágicas tabelinhas de Pelé e Coutinho, as folhas secas de Didi, os ataques perigosos de Dida e muitos outros momentos do futebol numero um do mundo.

Eram sem dúvida tempos que o amor pela a camisa é que contava e que grana era coisa de cartola. Hoje jogador tem passe de jogador e um Ronaldo menino que mal nasceu os pêlos transita enlouquecidamente endinheirado. Recebe nesse pequeno tempo de sua existência cifras que outros craques de outrora jamais sonhariam. Fez em poucos meses o que ontem se levava muitos anos ou uma vida inteira. E isso quando se conseguia. Não é que defenda as agruras desnecessárias de um passado mais difícil, apenas me inquieta a facilidade descabida onde jogar futebol vira um comércio frio e o campo de rolar a redonda se transforma em campo de negociatas.

O brasileiro tem humor, e tricolor hoje tem que ter de sobra. Quem já não ouviu a máxima irônica de que o Fluminense é o primeiro dos grandes que ingressou na modernidade defendida pelo neoliberalismo do En(rico) Cardoso, pois “*terceirizou seu futebol*”. Alusão divertida ao seu rebaixamento para a terceira divisão. Cômico se não fosse triste. Pois o que acontece com o Fluminense é o que vem acontecendo com o país. Um Brasil de terceiro mundo, de terceira divisão. Um Brasil onde os dirigentes vêm nas negociatas o rumo da prosperidade para o país. Imagine! Brasil que corre o risco de cair ainda mais de divisão assolado que está por uma dívida que não foi contraída pelo povo e que ao

mesmo não trouxe nenhum benefício, pelo contrário, onerou ainda mais a sua vida. Um Brasil molestado pelo desmando, pela impunidade, pela corrupção escancarada e pelo desamor de seus cartolas.

Futebol que dá títulos não é mais o futebol do suor, do esforço, da paixão, da arte, da torcida e do povo. Futebol que dá título é futebol que tem grana para bancar salários estapafúrdios, para mercar carne de atleta e corromper dirigentes e federações.

Talvez esteja sendo ingênuo e não tenha percebido que já no meu tempo de garoto ou de jovem deslumbrado a patifaria já existisse. E existia mesmo manejada por alguns. Mas não tão assumida, avassaladora e idolatrada. E ainda por cima com a acessoria de um estado conivente onde já é praxe contraventor ter a chave do banco do país.

Não vejo mais as cores fortes e mágicas do meu tricolor, nem mesmo daqueles clubes (hoje verdadeiras empresas futebolísticas) que melhor financeiramente conseguem se manter nas “lideranças”. Lideranças incolores de tempos incolores.

Não deixei de ser Fluminense apesar de estarmos amargando uma terceira, cheguei mesmo a torcer para que isso acontecesse acreditando que tal fato abriria uma crise sem precedentes e obrigaria a se fazer uma revisão para o bem de todos os demais clubes. Doce ilusão. Não deixei também de ser brasileiro por estar amargando junto com outros milhões de, o terceiro mundo que nos cabe, imposto por um sistema que sangra e sequestra nossas riquezas abalando a moral de toda a nação.

Dizem os entendidos, Péle foi um enquanto ministro, que sem os dirigentes/cartolas o futebol prospera.

Será que sem os nossos atuais dirigentes o Brasil prospera? Não tenho dúvidas que sim.

Vivendo nesse Brasil descolorido pelo desemprego, pela fome, pelas enfermidades, pelos altos índices de analfabetismo e mortalidade, pela violência de um modelo que fomenta as desigualdades sociais e se mantém comprometido com negociatas que alimentam vergonhosas injustiças sociais, confesso minha esperança e minha determinação de lutar por ver novamente brilhando não só as três cores do meu clube mais as incontáveis cores desse Brasil.

Quero continuar acreditando que o Fluminense e o Brasil não foram criados para viverem na terceira divisão! Foram?

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).